

CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSUÉ DE CASTRO: UMA REFLEXÃO SOBRE GEOGRAFIA E LITERATURA

Data de submissão: 12/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Bruna Ferreira Alves

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre geografia e literatura através do tema da fome considerando como base a obra de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (1960) e a obra de Josué de Castro (1908-1973) “Geografia da Fome o Dilema Brasileiro: pão ou aço, o caminho utilizado para essa investigação ancora-se nas epistemologias da fenomenologia e também do discurso literário na análise geográfica. Para construção teórica foram utilizados teses, artigos, livros e revistas científicas.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia da Fome. Literatura. Sujeito

CAROLINA MARIA DE JESUS AND JOSUÉ DE CASTRO: A REFLECTION ON GEOGRAPHY AND LITERATURE

ABSTRACT: This article aims to analyze the relationship between geography and literature through the theme of hunger, considering as a basis the work of Carolina Maria de Jesus(1914-1977)

“Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”(1960) and the work of Josué de Castro(1908-1973) “Geography of Hunger the Brazilian Dilemma: bread or steel, the path used for this investigation is anchored in the epistemologies of phenomenology and also literary discourse in geographic analysis. Theses, articles, books and scientific journals were used for theoretical construction.

KEYWORDS: Geography of Hunger. Literature. Subject

INTRODUÇÃO

Para aqueles que desconhecem a longa relação entre a Geografia e a literatura, o discurso geográfico nasce a partir da descrição dos lugares, pela narrativa que discursa sobre elementos bióticos e abióticos. No entanto, com o desenvolvimento científico, algumas transformações ocorrem tanto na definição do objeto quanto do método, e, neste processo, a literatura acaba sendo escanteada. Isso se deve ao fato de que a ciência geográfica precisava firmar-se no método positivista.

Com as fragmentações impostas pela modernidade, a Geografia passa por um processo de renovação que busca encontrar e utilizar outros métodos, caminhos que possibilitam o entendimento dos fenômenos da relação homem e natureza, mas que também utilizam aspectos abstratos como subjetividade e sentido na construção desse saber. É nesse contexto que a Geografia retoma sua relação com a literatura e, no Brasil, este processo ocorre sob a reivindicação epistemológica da Geografia fenomenológica e cultural. Realizando a crítica ao método do materialismo histórico dialético, ela propõe um olhar para as subjetividades e até mesmo para a chamada Geografia da percepção, do vivido e das emoções.

Ao encontrar subsídio no discurso literário, fundamentalmente na literatura de romance, as ciências humanas constroem narrativas que denunciam as contradições das relações econômicas, sociais e culturais, trazendo para o campo científico a percepção dos sujeitos submetidos a determinada realidade, espaço e tempo. Com o objetivo de analisar a relação entre a literatura da fome escrita na obra “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (1960) de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e a obra “Geografia da Fome: o Dilema Brasileiro: pão ou aço” (1948) de Josué de Castro (1908-1973), dividimos este artigo em quatro partes.

No primeiro momento, apresentamos o método de análise escolhido e enfatizamos a importância dele neste tipo de análise. No segundo momento, propomos um diálogo sobre a relação entre literatura e Geografia. Sabemos que este tema não se esgota neste único momento, pois sempre retorna ao perceber as narrativas das obras. O terceiro momento é destinado à apresentação e diálogo sobre as duas obras e os contextos nos quais estão inseridos seus autores. Por fim, apresentamos as considerações finais para este momento. Ressaltamos que este é um tema de análise que está em construção e continuidade, pois refere-se ao tema da pesquisa de quem escreve, portanto, passível de outras interpretações em possíveis trabalhos futuros.

METODOLOGIA:

Longe de buscar uma verdade concreta sobre o tema da literatura e a Geografia, o presente artigo busca olhar para a literatura da fome utilizando os caminhos descritos por esses sujeitos. Para isso, consideramos relevante entender como a literatura romancista se insere no campo das ciências geográficas. Historicamente, os cientistas recorrem a fontes literárias com o objetivo de conhecer, através das concepções vividas, determinados espaços em momentos passados. Desde muito cedo, a Geografia recorre à técnica da literatura como a arte da descrição de lugares, especialmente no momento de disputas por terras e territórios.

“As narrativas de viagens sempre constituíram uma fonte preciosa, fornecendo testemunhos e compilações de primeira mão sobre países e culturas remotas.

Algumas vezes esse tipo de trabalho estendeu-se às formas mais fictícias, como o romance, quando faltavam testemunhos considerados referenciais” (Brosseau, 2007 p.23).

Apesar de a Geografia ser a ciência cujo objeto se dá através do espaço e suas demais definições, sem a atividade humana, enquanto força que transforma e produz os ambientes, ela jamais poderia ter existido. Por isso, a base da ciência geográfica refere-se aos críticos quanto à relação entre sociedade e natureza. As forças que atravessam a relação entre sociedade e natureza se expõem através do trabalho, da linguagem, do discurso, da fragmentação espacial, do campo político, econômico e social de um território. Ao geógrafo, nesse sentido, cabe a leitura dessas forças e suas reverberações concretas (espaço) e simbólicas (subjettivas).

O caminho deste trabalho busca o movimento na interseccionalidade entre concreto e simbólico para ler a condição de fome expressa nos discursos científicos e na literatura da fome, cuja linguagem transcende os aspectos físicos e sociais da condição de quem tem fome no Brasil. Além disso, retrata a partir do lugar do sujeito, ou seja, através do espaço vivido e significado para além das condições materiais impostas pela exploração do trabalho. Nesse caso, ao desarquivar a relação entre sujeito e objeto, é possível, com a utilização de correntes como o existencialismo e a fenomenologia, dialogar diretamente com alguns dos autores. Para que possamos entender a conduta da fome na sociedade, é necessário analisar a interseccionalidade entre relações objetivas e o modo como os sujeitos internalizam e concebem essa realidade.

“Como objeto de análise, pode-se, no discurso, apreender a elaboração e a comunicação de um saber sobre os lugares, sobre as paisagens e sobre os territórios. A metáfora aqui é entendida no seu sentido mais amplo. É uma maneira, uma modalidade capaz de transportar, até como significado, as coisas, os lugares e os sujeitos e de estabelecer entre coisas, lugares e sujeitos relações semânticas, epistemológicas. Por revelar as realidades por meio de discurso, a metáfora é, pois, de uma importância fundamental”.

(ALMEIDA, 2013 p.47)

Sendo assim, nos atentamos ao construto a partir da leitura-escrita que, como exercício dialético, proporciona condições de uma análise qualitativa dos aspectos objetivos e simbólicos de como a fome aparece na literatura de Carolina Maria de Jesus, em “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (1960), e na obra de Josué de Castro, “Geografia da Fome: O Dilema Brasileiro: Pão ou Açúcar” (1946). A análise bibliográfica foi realizada por meio da análise de conteúdo.

FOME E LITERATURA

O estado de insegurança alimentar apresenta-se como um problema social estrutural e estruturante das sociedades chamadas de terceiro mundo. Esses territórios são fundamentalmente de abundância ecossistêmica e se desenham a partir da contradição

entre abundância e escassez humana. Segundo o Ministério da Saúde, a condição de insegurança alimentar e nutricional define-se pela falta de acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente para uma vida saudável (Ministério da Saúde, 14/12/2022).

Quando falamos em contradição entre abundância e escassez, buscamos delimitar o aspecto político ideológico no qual o estado da fome e da desnutrição estão envolvidos. O desenvolvimento das técnicas, a industrialização e o processo de financeirização do capital, forjado aqui sob uma ótica colonialista não só da produção econômica, mas também na produção espacial e cultural, demarcam a fragmentação do acesso à alimentação.

Essa fragmentação da condição de fome pode ser entendida em formas e faces diferentes, sendo todas elas consideradas resultado da violação de um direito básico à saúde. Suas manifestações podem ser entendidas a partir de pelo menos três atravessamentos: a insegurança alimentar leve, que apresenta comprometimento da qualidade da alimentação em detrimento da manutenção da quantidade percebida como adequada; a insegurança alimentar moderada, que apresenta modificações nos padrões usuais da alimentação entre os adultos, concomitante à restrição na quantidade de alimentos entre os adultos; e a insegurança alimentar grave, caracterizada pela quebra do padrão usual da alimentação, com comprometimento da qualidade e redução da quantidade de alimentos de todos os membros da família, inclusive das crianças residentes neste domicílio, podendo ainda incluir a experiência de fome (2022, Glossário da Saúde no Brasil).

Diante de algumas das considerações conceituais sobre a fome no Brasil, deve-se lembrar que, antes das políticas públicas de segurança alimentar no país, as literaturas sobre a fome impulsionaram o enfrentamento do discurso sobre a fome como uma calamidade percebida no campo da factualidade ambiental e social. Segundo Josué de Castro (1965), é importante questionar se a fome é um fenômeno natural inerente à própria vida, uma contingência irremovível como a morte, ou se é uma praga social criada pelo próprio homem.

A grandiosa obra *Geografia da Fome: o dilema do pão e aço* busca na imersão profunda os aspectos patológicos daqueles atingidos pela calamidade da fome denunciar o que a política renegavam em certa medida, sua obra é também, amparada pela literatura romancista que nos dá possibilidade de ler a fome através dos olhos de quem a tem como herança maldita do sistema de produção colonialista. Vários são os romances onde a fome é protagonista do enredo brasileiro de retratar como por exemplo “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo(1890); “Os Sertões” de Euclides da Cunha (1902); “O Quinze” de Rachel de Queiroz (1930); “Vidas Secas” de Graciliano Ramos (1938); “O Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus (1960).

Estas são algumas das obras mais importantes sobre o dilema da fome no Brasil, em algumas delas a narrativa nos leva à imersão do cenário das desigualdades sociais, culturais e econômicas do país, para a proposta desta escrita utilizaremos então as narrativas

literárias nas quais é evidente o lugar do sujeito atravessado pela fome, assim como a de Josué de Castro como cientista, pesquisador e atuante político no enfrentamento às mazelas da fome na organização espacial brasileira. Apesar de óbvio para alguns leitores e romancistas as obras literárias têm enorme força em apresentar realidades reais e ou ficcionais cujo teor da narrativa torna-se memória que costura por entre a realidade material do sistema-mundo e a forma como o sujeito o vivência constituindo o tecido que embala as relações entre homem e natureza.

“Preocupados em ver como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele parece-lhes propiciar a ocasião ideal de um encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana.”(Brousseau, 2007 p.31).

Consideramos relevante, para esta discussão, também compreender a necessidade de navegar por entre literaturas científicas e autobiográficas, como no caso de Carolina Maria de Jesus, para entender a condição de fome a partir do lugar, categoria que evoca necessariamente os sujeitos participantes da realidade analisada.

O que está sendo proposto é tomar a fome através de obras literárias, a fim de transpassá-la do pensamento da factualidade, como por muito tempo foi posicionada. Josué de Castro nos chama a atenção ao perceber que a fome é de fato causa de mortes por todo o globo e, atravessada pelas temporalidades, em determinados lugares ainda hoje continua a ceifar vidas.

“Em seu primeiro livro, A geografia da fome, de 1946, Josué se dedicou a analisar o fenômeno da fome e desnutrição em cada região do Brasil. Este livro se enuncia como um grande estudo de segurança alimentar, onde se descobre, no interior de uma narrativa detalhada sobre os costumes alimentares e culturais de cada região teses ainda hoje revolucionárias.”(Kiffer, 2008 p. 33).

Importante ressaltar que a obra de Josué sofre com o período de regime civil militar (1964-1988) que tenta anular a repercussão dos seus estudos, contudo é internacionalmente conhecido e mencionado sempre que há um debate sério sobre a fome e suas consequências individuais e coletivas.

No entanto, Josué ao afirmar que na sociedade como um todo haveria um “Tabu da Fome” expõe que para além da ordem econômica a fome e sua estética são mencionados com dificuldade, há um certo receio pelo eco que a palavra fome pode gerar. Ao mapear os tipos de alimentação em relação às regiões do Brasil ele torna nítido o papel exemplar do estado capitalista e ainda colonialista no modo de produzir o silenciamento ancorado no preconceito que acabariam tornando este tema perigoso.

“Para tanto, vale lembrar que a literatura no Brasil já da década de trinta (e mesmo muito antes) explorava e se confrontava com a fome. Os chamados “romances nordestinos” de Rachel de Queiroz, Zé Lins do Rego e Graciliano Ramos, para citar apenas alguns expoentes, vinham na longa trajetória das secas no Nordeste abordando “tão delicado e proibido tema”. Josué de

Castro, por sua vez, não deixa de citar, lembrar e mesmo se inspirar em alguns desses autores" (Kiffer, 2008 p.34).

É a partir da interlocução entre o discurso crítico científico e literário que se entrecruzam os aspectos objetivo-subjetivo a respeito do tema da fome nos posicionando no centro das relações entre o vivido e o concebido, entre a forma e a essência. Deste modo que convém para nós fazer uso da categoria de análise lugar para tomarmos a nós o tema da fome, dialogando principalmente com quem vivenciou suas faces.

Caracterizada como literatura autobiográfica, os escritos de Carolina Maria de Jesus iniciam por volta de 1958 e não para por aí, é possível que ainda hoje tenhamos materiais e registros da vida política, econômica e cultural o qual Carolina nos legou.

A escritora em sua obra mais conhecida e acessada Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada(1960) relata sua vida como catadora de papel na favela do Canindé entre 1955-1960, situada na capital paulista, mãe de três filhos e chefe de família posiciona seu repúdio a existência de fome através das palavras.

[...] nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares dos lixos e dos marginais. Gente da favela é considerada marginais. Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (Jesus, 2004, pág. 48).

Ao descrever seu cotidiano Carolina nos oferece a possibilidade de olhar e se relacionar com lugar empiricamente como quando questiona as condições insalubres às quais os favelados são expostos, nos possibilita perceber este lugar através dos sentidos como paladar, olfato entre outros.

Sua astúcia em se inconformar com tal condição a posiciona no campo de enfrentamento ao dilema da fome impulsionando mundo adentro suas fomes e misérias através da literatura, consideramos assim que Carolina através de sua voz e palavras enfrenta as barreiras da vida material para transpassar suas próprias mazelas, sendo fiel ao seu desejo de uma vida mais digna.

A FOME E A OBRA

O fenômeno da fome no mundo não se apresenta enquanto uma novidade da contemporaneidade, pelo contrário, está historicamente atrelada a formação do processo produtivo mercantil e territorial no globo. Historicamente, percebe-se que a condição da fome que assola sobre determinadas realidades foi e continua sendo ignorada em função da dinâmica de consolidação do capitalismo, seja a partir da espacialização das relações econômicas de produção, ou em decorrência de conflitos bélicos como a primeira e segunda Guerra Mundial (CASTRO, 2007).

O dilema da fome apresentado em sua obra expõe o cenário de contradição

brasileira em relação ao sonho do desenvolvimento e uma produção feroz de fome, miséria e desemprego. Talvez este seja um dos principais questionamentos realizados por Josué e também por Carolina. O Brasil neste período vivenciava o apogeu do desejo de consolidação do seu tecido urbano-industrial, que levou milhares de famintos a caminhar para os grandes centros em busca de condições de vida digna através do discurso da política de emprego que estaria em vigor nos polos.

Carolina assim como outras pessoas negadas ao direito à terra no campo partem as cidades em busca de emprego e moradia, encontrando lá apenas possibilidade de ocupação nas margens desses centros, é partir da crítica a favelização e as condições de vida nesse espaço que a autora passa a narrar o cotidiano infausto dos favelados.

“A favela do Canindé, cenário em que a nossa personagem vive, teve sua origem no mandato do governador Adhemar de Barros, que “limpou” o centro da cidade ao retirar moradores de rua e “alojá-los” nas margens do rio Tietê, em meio a lixos e urubus, reforçando a desigualdade fundiária rural e urbana. Eram cerca de 180 barracos e uma torneira, citada em quase toda a narrativa. É relevante a percepção da favela não apenas caracterizada por problemas adversos, mas como também um espaço multicultural, como no caso de Carolina e os personagens envolvidos na trama” (Mitsuuchi, 2018 p.8).

A escrita de Carolina revela a sociedade brasileira de forma prática, palpável o dia a dia de brasileiros em sua maioria trabalhadores, negros, mulheres e crianças excluídos do processo de protagonismo desse período revelando não só a contradição exposta como produto das relações políticas, mas também desvelando a perversidade do olhar das elites políticas, intelectuais e econômicas para com os “desajustados” em função dos preconceitos.

[...] nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares dos lixos e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 2004, p. 48).

Entendendo o potencial crítico do texto literário brasileiro e a sua importância para percepção das geografidades e territorialidades, compreendemos que a forma como Carolina escreve, oportuniza a sua inscrição no mundo. Diversos são os momentos em que a escritora reivindica o lugar de cidadão brasileiro, além do mais, reivindica através do seu discurso a transformação de seu lugar no mundo.

Considerando a dimensão geográfica da obra de Carolina Maria de Jesus percebemos o quanto a mesma ao descrever seu cotidiano realiza a leitura das condições de vida de vários brasileiros trabalhadores cujo a política desenvolvimentista negou o direito à terra, a cidade e a cidadania.

“Nossa personagem utiliza a palavra como instrumento de voz e de denúncia acerca das mazelas que viveu e, ao agir e romper com o determinismo social imposto pela natureza ao que se refere à convivência em sociedade permitido

pela palavra e tudo o que se relaciona a ela, descobre-se como capaz de escrever a própria história, detendo o poder de ressignificar sua existência e tornar-se sujeito político e socialmente – além do pensamento de ascensão social por meio da divulgação das suas obras.”(Mitissuch 2018, p.3).

A dimensão geográfica em Carolina remete-nos a entender de que modo essa vivência-geografia se inscreve a partir das relações sociais nas quais a autora está inserida, portanto, aparece como uma geografia cotidiana, que descreve e inscreve simultaneamente. É que se há uma dimensão política da literatura há de compreendermos a dimensão literária da geografia, sua forma e conteúdo que narra o contexto do concreto mediado pela subjetividade da pessoa que escreve. (CHAVEIRO, 2020 p.179)

A relação entre simbólico e objetivo ocorre no espaço, este por ser concreto materializa e se inscreve como produto dessas relações, que no Brasil é produto das desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais. Deste modo não é possível que se construa uma linha de raciocínio que privilegia somente uma das partes para analisar um todo.

A literatura com sua facilidade de reinscrever o concreto com elementos da subjetividade cumpre seu papel na providência de uma leitura social crítica, no entanto a geografia e seus discursos científicos ancorados nos mais diversos métodos que ao ser realizados interpela sujeitos e grupos produzindo um dizer que pode ou não se perguntar quem fala, de onde fala, porque fala e de como fala.

Este ponto de intersecção entre o vivido e o concebido pelas relações entre sociedade e natureza exprimem grande potencial de inversão das contradições expostas, pois possibilita ler a sociedade através do seu lugar. Este lugar a depender de onde se olha pode se considerar um país, uma região e até mesmo uma casa. Brilhantemente Carolina trás essa noção ao representar a cidade de São Paulo nas décadas de 50-60.

“19 de Maio de 1955 - [...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus, 2004, p. 33).

Em confluência com a organização dos pensamentos enunciados neste trabalho Josué no dilema brasileiro pão ou aço demonstra que a fome intensifica-se como produto das relações de produção capitalistas quando no plano desenvolvimentista da década de 50 o país investe nas metrópoles como grande centros urbano-industriais provocando migrações internas de grande parte das populações dos interiores, fundamentalmente das regiões norte e nordeste para sudeste e centro-oeste.

No entanto, os que ficam nos interiores, nas pequenas cidades, nos campos e nas regiões periféricas ao que se consolidava como capitalismo industrial posicionam a mercê da própria sorte, reféns das políticas latifundiárias herdadas da acumulação feudal

e escravocratas. A falta de investimento no setor agrícola para os pequenos e médios produtores desencadearam o deslocamento de massas populacionais, o que por sua vez, incha o tecido urbano que ainda não havia infra-estrutura que suportasse tamanha abastecimento populacional e também, industrial já que a indústria não absorveu grande parte desses trabalhadores. (CASTRO, 2007 p.182)

“Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga”. (JESUS, 1983 p.48-49)

Carolina relata neste trecho que a chegada de mais pessoas na favela do canindé dia 30 de maio de 1958 nos chama a atenção a forma como descreve a favela fisicamente, mas também, a partir de sua experiência, ou seja, das suas emoções e sentimentos demarcados em seu corpo. Ao realizar essa escrita-vivência a autora cumpre com papel fundamental da literatura em combater a miséria humana com uso da linguagem, uma linguagem que tem forma, cor, cheiros, sabores e emoções possibilitando uma experiência estética da linguagem como aponta o geógrafo Eguimar Chaveiro.

“Esse enfrentamento nunca estará fora da história, da vida concreta, incluindo a linguagem, os suportes culturais, as lutas dos trabalhadores, a dramaticidade da vida de todos que procuram um mínimo de equilíbrio emocional; que entram nas guerras das relações para poder viver; que, com frequência, são obrigado a outorgar sentido ao que faz, sente, vê (Chaveiro, 2020 p.186).

Diante disso compreendemos que a geograficidade na obra de Carolina aponta para uma relação dialética entre o simbólico, o objetivo e as transformações do espaço. Isto para nós é o movimento de fortalecimento da dimensão política da literatura em geral, mas que, no diário de uma favelada potencializa a dimensão literária da geografia, a potência transformadora da literatura romancista na enunciação dos aspectos da vida cotidiana dos favelados, descrevendo o espaço através do vivido e do concebido no mesmo. Não cabe somente a ciência com cunho epistêmico-metodológico a análise do mundo concreto, mas também, da literatura romântica, da poética do ser e estar no lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de jamais terem se conhecido Carolina e Josué denunciam a fome e a miséria num período em que o Brasil tentava insistentemente relegar o tema ao discurso da meritocracia e até mesmo da factualidade social, não se ouvia falar nos desajustados desde que os mesmos não utilizassem a sala de visita(inserir rodapé) que aqui entendemos como qualquer outro lugar de São Paulo que não fosse as favelas, que ou houvessem episódios de violências localizadas. O que Josué chamou a atenção para o “Tabu da Fome” justamente se posiciona no lugar do silenciamento desta realidade.

Enquanto na obra de Carolina tem a visão de dentro da favela e a visão de quem sente fome, a autora legou ao país uma narrativa que como foi dito na época da publicação somente poderia ter sido escrita por alguém que conhece a fome de perto e ninguém mais.

A sua forma de narrar os fatos e acreditar na mudança de sua realidade chocou e emocionou quem leu e ainda lê as obras de Carolina, pois trata-se da forma com que os fatos são narrados estes amarrados na dialética do ser e estar no mundo da própria autora.

Por isso apesar da fome ser um fenômeno bem mais antigo do que comumente imaginamos ela atravessa sujeitos e comunidades em determinados tempo histórico de formas diferentes ou não, no entanto a forma de narrar os atravessamentos sempre devem divergir em função do que o sujeito concebe de si diante daquela realidade e daquele tempo em que está situado.

Podemos perceber este fato quando em Geografia da Fome Josué diferencia não só os tipos de fome, mas também, da cultura alimentar entre as regiões do país. A depender das condições bióticas e ecossistêmicas, o fenômeno da fome pode aparecer sazonalmente ou não e a depender da temporalidade do desenvolvimento das técnicas ela pode atingir graus diferentes.

Este trabalho torna perceptível a possibilidade da leitura das geograficidades em relação à literatura romancista, situando-nos para além do olhar tradicional das ciências, fundamentalmente as ciências humanas. Por algum tempo a geografia fugiu do debate da literatura desta ciência e da política constituinte da literatura, mas com o processo de renovação da geografia cultural esta faceta aflora e toma posição ainda mais.

Torna-se necessário analisar os fenômenos da sociedade no fluxo das relações concretas e objetivas, mas também na interseccionalidade com o sentido que os sujeitos atribuem a determinados lugares e temporalidades. Para que seja possível romper com posturas discursivas políticas sejam na ciência ou na literatura que visam a manutenção da ordem estabelecida.

REFERÊNCIAS

Almeida, M. G. de. (2017). A PROPÓSITO DO TRATO DO INVISÍVEL, do INTANGÍVEL E DO DISCURSO NA GEOGRAFIA CULTURAL. *Revista Da ANPEGE*, 9(11), 41–50. <https://doi.org/10.5418/RA2013.0911.0004>

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. Literatura, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 17-77, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A DIMENSÃO LITERÁRIA DA GEOGRAFIA E A DIMENSÃO POLÍTICA DA LITERATURA: A mesma face de uma reflexão múltipla.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma Favelada. São Paulo: Ática, 1995. 173p

FRANCO, Eduardo; CHAVEIRO, Eguimar Felício. ENSAIO ACERCA DA DESCOLONIALIDADE DO SUJEITO DE CONHECIMENTO MODERNO ATRAVÉS DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS DE LUGAR E TERRITÓRIO. **Geoambiente On-line**, Goiânia, n. 40, 2021. DOI: 10.5216/revgeoamb.i40.68824. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/geoambiente/article/view/68824>.

KIFFER, A. P. (2008). GRACILIANO RAMOS E JOSUÉ DE CASTRO: UM DEBATE ACERCA DA FOME NO BRASIL. *Via Atlântica*, 9(1), 29-42.

Marcial, A. P. (2012). O LARGO DA CARIOCA E SEUS MICROCOSMOS: um olhar geocultural. *Espaço E Cultura*, (21). <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2007.3504>

MITSUUCHI, Jéssica Tomiko Araújo. Contextos, reflexões e análises: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo. *Revista Vernáculo*, n. 41, 2018.